

citar aquele verso em que, segundo a opinião de Sinovjev “estava contido todo o seu gênio”.

“As boas palavras não constituem elogio para nós —  
Só nos apraz o grito de furor cheio de ódio!”

Em 1905, na época da primeira revolução russa, Lenine já declarou: “Que os bolcheviques, os jacobinos da social-democracia contemporânea; que o proletariado e os camponeses ajustem contas com a monarquia e a aristocracia, à moda plebéia, i. é. aniquilando impiedosamente os inimigos da liberdade”.

Quinze anos mais tarde, quando era ditador da Rússia, disse, uma vez, a Máximo Gorki, durante uma execução da “Appassionata” de Beethoven: “Não posso ouvir música com frequência, porque então tenho vontade de dizer tolices agradáveis e acariciar a cabeça daquela gente. Hoje, porém, não é o momento de passar a mão pelo cabelo das gentes. Hoje, as mãos abaixam-se para fender os crânios, para fendê-los desapiadadamente — isso constitui uma tarefa diabòlicamente difícil”.

Quando, outra vez, lhe censuravam as terríveis carnificinas da guerra civil, replicara com uma convicção fanática: “Não importa se três quartos da humanidade vierem a desaparecer! Importa apenas que, finalmente, o restante se torne comunista!”

Esta fé incondicional nas virtudes salvadoras de sua idéia não recuava em face de atrocidade alguma, mantinha-se firme até nas últimas conseqüências de sua conduta, não se deixava comover por nenhuma desgraça e, mesmo no enlévo sacrossanto duma audição musical, nunca esquecia sua “tarefa diabòlicamente difícil”. Este lutador que, partindo da fronteira asiático-européia, se pôs a caminho para levar à luta exterminadora uma classe contra a outra, deve, antes de tudo, aquela fé ao caráter absolutamente quiliástico da alma russa, que não cessa de se manifestar através dos séculos nos sectários e nos revolucionários daquele povo. Dostoiewski, quando, nos seus “Possessos”, descreve o conspirador Werchowenski, pinta a vivas côres êste estado de alma: “Parecia esperar o fim do mundo, porém não num futuro incerto de acôrdo com profecias que aliás poderiam não realizar-se e sim duma maneira certa — por exemplo, depois de amanhã, cedo, exatamente às dez horas e vinte e cinco minutos”.

A seu turno, o espírito da Europa ocidental foi diversas vezes vítima de semelhantes idéias quiliásticas quando refletia sobre o futuro e o fim da humanidade. Até o próprio Lessing, lúcido pensador da Aufklaerung, devotado à Razão, exprime na sua “Educação da raça humana”, a opinião de que, sem dúvida alguma, chegará o dia dêsse novo evangelho que fôra prometido nos livros do novo testamento e aguardado pelos heréticos da Idade-Média. “Talvez alguns sonhadores do século XIII e XIV tenham apanhado um raio daquele

novo evangelho eterno, errando apenas em anunciar-lhe o advento para breve. A tríplice idade que atribuem ao mundo talvez não seja uma tolice tão absurda. Sòmente pensam em poder, duma feita, transformar em homens dignos de sua terceira época a seus contemporâneos quasi ainda na infância, sem lhes terem preparado nem instruído o espírito. E' isso justamente que os torna sonhadores. O sonhador lança muitas vezes sobre o futuro golpes de vista certos. Porém não sabe esperar que êsse futuro se consuma”.

Heine, em geral dum cepticismo cínico e escarninho, professa com menos seriedade sua fé num reino de salvação muito próximo, em que, afinal, tôdas as promessas serão cumpridas?

“No granito edificamos  
A Igreja do terceiro  
do terceiro novo testamento;  
Acabaram-se os sofrimentos”.

Os operários agrícolas da Sicília que, nos últimos dez anos do século XIX, se reuniram em grêmios socialistas de “faschi” tinham a firme convicção de que o reino dos mil anos estava iminente. Como signos daquela certeza de salvação, carregavam, em procissão solene, bandeiras vermelhas e painéis cheios de citações do “manifesto comunista”. Adoravam seus chefes De Felice e Bosco, como os mensageiros da próxima redenção do mundo. No entusiasmo de sua veneração, gritavam-lhes: “Estavamos errando na escuridão, mas vós descestes do Paraíso e conduziste-nos ao novo reino!”

Na alma russa, que não conhecera a disciplina do pensamento da “Aufklaerung”, nem a necessidade duma lógica sóbria, à qual o ocidente há muito se submeteu; nessa alma, o quiliásmo, com uma fôrça inquebrantável, ficou sempre vivo, pronto, na primeira ocasião, a irromper com desvairado excesso, sem consideração alguma às possibilidades reais. Quantas vezes os russos se preocuparam em prescrutar o destino do mundo, tantas vezes tornara a insinuar-se-lhes nos raciocínios a esperança do reino de mil anos. Revela-se não só nos sermões dos austeros sacerdotes ortodoxos, como também nas alucinações dos sectários, na credulidade romântica dos tzares, nos sonhos revolucionários dos operários, nas parábolas dos grandes poetas e ainda nos provérbios dos simples mujiks.

Êsse mesmo quiliásmo surgindo das mais fundas camadas da alma nacional, emprestou às convicções de Lenine sua elevação diti-râmica. Foi êle que transformou suas palavras em atos, seus sonhos em história. Marx proclamara como programa teórico que os filósofos apenas interpretaram o mundo de diversas maneiras; no entanto, o que importava, era mudá-lo. Para Lenine, era impossível conceber êsse postulado como uma verdade abstrata. Tudo o que nêle havia de russo, impelia-o a “mudar o mundo, mesmo que fôsse por uma ação